



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS

ADA DAMIANNI DA SILVA ACIOLE

**A REMEMORAÇÃO EM TRÂNSITO EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS**

MACEIÓ-AL  
MARÇO DE 2020

ADA DAMIANNI DA SILVA ACIOLE

**A REMEMORAÇÃO EM TRÂNSITO EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS**

Artigo acadêmico apresentado à Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, como um dos requisitos para obtenção do título de Graduada em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Susana Souto Silva.

MACEIÓ-AL  
MARÇO DE 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DO/AALUNO/A: **Ada Damianni da Silva Aciolo**

MATRÍCULA: 15214076

CURSO: (X) PORTUGUÊS ( ) INGLÊS ( ) ESPANHOL ( ) FRANCÊS

TÍTULO DO TCC: **A REMEMORAÇÃO EM TRANSITO EM ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS**

Ao(s) 10 dia(s) do mês de março do ano de 2020, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Susana Souto Silva

1º Prof./a Examin./a: Ana Clara Magalhães de Medeiros

2º Prof./a Examin./a: Eliana Kefalás Oliveira

que julgou o trabalho (x) APROVADO ( ) REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 10 (dez inteiros)

1º Prof./a Examin./a: 10,00 ( dez inteiros )

2º Prof./a Examin./a: 10,00 ( dez inteiros )

totalizando, assim a média 10,00 ( dez inteiros ),  
e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 10 de março de 2020.

Prof./a Orientador/a:

1º Prof./a Examin./a:

2º Prof./a Examin./a:

VISTO DA COORDENAÇÃO



Campus A.C. Soares  
Lourival Melo Neto, s/n  
Tabuleiro do Martins  
CEP: 57072-900  
Maceió - Al

“Para preencher algo que não pode resolver-se no nível da angústia intolerável de sujeito, este não tem outro recurso senão criar para si mesmo um tigre de papel.”

Jacques Lacan

## A REMEMORAÇÃO EM TRÂNSITO EM *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS

Ada Damianni da Silva Acirole<sup>1</sup>  
Susana Souto Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como propósito apresentar reflexões acerca da memória do personagem protagonista como fator preponderante da representação da realidade individual, ao passo que esta também se constrói coletivamente. A obra literária analisada foi publicada no ano de 1936, época pertencente ao período Clássico da literatura brasileira, *Angústia*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, que remete ao personagem Luís da Silva, as reflexões do cotidiano mediante a uma memória resultado de várias situações e conflitos existenciais vivenciados com os demais personagens enquanto se desloca de um ponto a outro da cidade, contemplando o espaço, no qual estrutura-se todo o cenário para o romance. Considerou-se a questão da representação do meio social na obra referida, apresentada e discutida por intermédio das análises do romance, realizado com o auxílio de críticos representativos de Graciliano Ramos. Para análise da proposta delimitou-se uma abordagem qualitativa, sendo as escolhas teóricas sobre *romance* selecionadas a partir dos estudos de BAKHTIN (2010), CANDIDO (2006) e WATT (2010); sobre o eixo da *Mimesis*, *técnicas de reprodução e passagem*, *memória*, *crítica polifônica*, selecionamos um aporte teórico no que diz respeito à AUERBACH (2015), BENJAMIN (2009), ACHARD (2015), JUNIOR e MEDEIROS (2015), entre outros. Para tanto, pretende-se evidenciar a princípio as reflexões em transito. Em seguida, na segunda etapa de estudo, analisou-se o contexto real a partir da reescrita mimética na literatura, que se realiza no plano da história. Por fim, nas etapas seguintes revela-se o estudo do romance, baseando-se na realização das reflexões que compreendem a tessitura textual, mas também aspectos comuns ao realismo que as permeiam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance; Personagem; Memória; Mimesis.

---

<sup>1</sup>Graduanda, UFAL/fale, acirole-silva@hotmail.com.

<sup>2</sup>Orientadora, UFAL/fale, ssoutos@gmail.com.

## **ABSTRACT**

The aim of this work is to present reflections on the memory of the protagonist character as a preponderant factor in the representation of individual reality, while it is also built itself collectively. The analyzed literary work was published in 1936, age of the Brazilian literature Classic. *Angústia*, written by Graciliano Ramos from Alagoas, who refers to the character Luís da Silva, the reflections of everyday life through a memory resulting from various situations and existential conflicts experienced with the other characters while moving from one point to another in the city, contemplating the space, in which the whole scenario for the novel is structured. The question of the representation of the social environment in the referred work was considered and presented and discussed through the analysis of the novel, carried out with the help of critics representing Graciliano Ramos. For the proposal analysis, a qualitative approach was delimited, with the theoretical choices about romance selected from BAKHTIN studies (2010), CANDIDO (2006) and WATT (2010); on the axis of Mimesis, reproduction and passage techniques, memory, polyphonic criticism, we selected a theoretical contribution that concerns to AUERBACH (2015), BENJAMIN (2009), ACHARD (2015), JUNIOR and MEDEIROS (2015), among others. In this way, it is intended to highlight the reflections in transit at first. Then, at second stage of study onwards, the real context was analyzed from the mimetic rewriting in the literature, which takes place at the level of history. Finally, in the following stages, the study of the literary production of the novel in accordance with the techniques of reproduction and polyphonic criticism is revealed, based on the realization of the reflections that comprehend the textual texture, but also aspects common to the realism that permeate them.

**KEYWORDS:** Romance; Character; Memory; Mimesis.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Romance excessivo, contrasta com a descrição, o despojamento dos outros, e talvez por isso mesmo seja mais apreciado, apesar das partes gordurosas e corruptíveis [...] que o tornam mais facilmente transitório. É um livro fuliginoso e opaco. O leitor chega a respirar mal no clima opressivo em que a força criadora do romancista fez medrar o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira - Luís da Silva. Raras vezes encontraremos na nossa literatura estudo tão completo de frustração. [...] um frustrado violento, cruel, irremediável, que traz em si reservas inesgotáveis de amargura e negação. (CANDIDO, 2006)

Refletir a respeito da palavra “angústia” significa pensar etimologicamente, ou seja, na origem vocabular. “A palavra angústia vem de origem latina "angere" que significa apertar, afogar e estreitar, "angustus" que significa estreito, apertado e de curta duração” (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2008). Nesse sentido, após uma análise bibliográfica detalhada podemos constatar uma expurgação por parte do protagonista ao transitar pelas ruas de Maceió-AL, contemplando vivências. Dessa forma, apresenta-se este clássico, com “partes gordurosas e corruptíveis” ao mesmo tempo em que “facilmente transitório”.

O escritor Graciliano Ramos de Oliveira nasceu 27 de outubro de 1892, Quebrangulo-AL e faleceu em 20 de março de 1953, Rio de Janeiro capital, na época Distrito Federal. Graciliano casou-se duas vezes e teve oito filhos. Lembrado por ter sido jornalista, político, militante comunista e memorialista brasileiro do século (XX) em que viveu, foi preso (1936, mesmo ano de publicação de *Angústia*) e levado a peregrinar em vários presídios no Brasil. O presente clássico analisado tem reconhecimento internacional. Em virtude de tal estrelato, mais adiante, poderemos perceber o quão foi dinâmica a vida do Mestre Graça. Com produções em formatos diversos, ou seja, romances, crônicas, contos, cartas entre outros, ele é considerado por muitos críticos de renome como sendo um dos grandes autores de clássicos da literatura brasileira.

Ao recontar suas experiências, o escritor alagoano Graciliano Ramos evidencia seu caráter irreverente, racional e questionador. Em 1933 lança o seu primeiro romance, *Caetés*; após pedir demissão da Imprensa Oficial de Alagoas, escreve São Bernardo, que tem publicação em 1934; em 1939 publica a grandiosa obra *Vidas Secas*; e, em agosto de 1933, ainda preso consegue publicar *Angústia*, uma obra não menos curiosa e instigante.

Dentre tantas produções, estudaremos um romance tecido de frustrações, caos e realismo. Com isso, o presente trabalho objetiva uma análise descritiva e intertextual de *Angústia*. Nesse

sentido, contemplará teoricamente os textos: *Mimesis* (2011), de Erich Auerbach; “*A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*” (1961) e “*Passagens*” (1892-1940), ambos de Walter Benjamin; “*Epos e romance*” (1988), de Mikhail Bakhtin; *Papel da Memória* (2015), de Michel Pêcheux; *O Realismo e a Forma de Romance* (2010), de Ian Watt; E, ainda *Ficção e Confissão* (2006), de Antonio Candido. Tornando-se, assim, possível, por meio de uma observação analítica, apontar os aspectos comuns a serem estudados e discutidos mais adiante.

A um principiante olhar, podemos destacar prováveis indicadores de reflexões na narrativa *Angústia*. A seguir, vejamos o primeiro parágrafo da obra:

Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me estabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas, umas sombras permanece, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios. (RAMOS, 1936, p. 07).

Ao observar o transcrito, podemos destacar a memória se perfazendo no real, com influência do contexto histórico, uma forma de oralidade personificada do real para o texto escrito e impresso, intitulado *Angústia*. Sendo assim, podemos compreender indícios sobre reflexões relacionados à existência humana, às relações sociais e ideológicas, à memória, à escrita, à vida e suas complexas formas de representação na arte. Faz-se necessário considerar que o texto em questão é um romance modernista e referencial na pesquisa histórica e na literatura.

## **1. A REMEMORAÇÃO EM TRANSITO: LUÍS DA SILVA**

O que nos chama atenção na tessitura textual de *Angústia* é o fato de que o personagem Luís da Silva destaca toda a espacialidade, construções e personagens ao seu redor. Inclusive descreve sempre que necessário o cenário, dessa forma convida o leitor a imergir no romance possibilitando o conhecimento histórico, social, cultural e político. Todos são aspectos de uma época não muito distante e não muito diferente dos dias atuais. Assim se estabelece o que estou chamando de rememoração reflexiva em trânsito do protagonista.

A memória presente no discurso de Luís da Silva estabelece a leitura do que está implícito aos olhos dos outros, mas explícitos em seus pensamentos, que se evidencia na medida em que ele percorre os espaços e também em que reflete sobre o tempo passado, sempre transformado, como é próprio do processo memorialístico, pelo presente e projetado para o



futuro. Vejamos o posicionamento de Pêcheux, no tocante às lembranças:

Concebemos desde então que o fato incontornável da eficácia “simbólica” ou “significante” da imagem tenha atravessado o debate como um enigma obsediante, e que, por seu lado, os fatos de discurso, enquanto inscrição material em uma memória discursiva, tenha podido aparecer como uma espécie de problemática-reserva. Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento, que faz da imagem como que a recitação de um mito. (PÊCHEUX, 2015).

Tais lembranças e reflexões acerca da memória podem ser notadas nos seguintes trechos: “[...] Frívola, incapaz de agarrar uma ideia, a mocinha pulava como uma cabra em redor dos can-teiros e pulava de assunto para outro. (RAMOS, 2017, p. 48)”, e em: “- Para o diabo. Aqui me preocupando com aquela burra! [...] Vamos deixar de besteira, seu Luís. Um homem é um ho-mem. (RAMOS, 2017, p. 51)”. Tais citações são fatos que vão atravessando o pensamento do protagonista a media em que o leitor acompanha cada página do romance. Pois então, torna-se perceptível a rememoração frustrante das vivências. Em conformidade ao discurso, a questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão “ausentes por sua presença” (Pêcheux, 2015, p.46), no discurso de Luís.

Sendo assim, a partir da ideia de Fiorin em seu livro *Argumentação*: (visto a afirmação de Fiorin em conformidade com Aristóteles), podemos ainda enfatizar que, “Para determinar o *éthos* de um anunciador, é preciso estabelecer uma totalidade da produção de um sujeito enunciativo”. E, segundo Bakhtin, “é sempre um sujeito social. Pode ser individual ou coletivo”, (FIORIN apud BAKHTIN, p. 71). Mas também, “A seleção de palavras para identificar seres e denominar acontecimentos já revela um ponto de vista acerca dos “fatos”. Não temos acesso direto à realidade, ele vem mediado pela linguagem, que não é neutra” (FIORIN, p. 83). Com isso, por esse viés foi possível analisar a linguagem literária nas passagens citadas.

## 2. (RE) CONSTRUÇÃO DO REAL NO TEXTO LITERÁRIO

Observando contexto real a partir da reescrita mimética na literatura, podemos notar o que se realiza no plano do discurso, no romance analisado, como se confirma nas palavras abaixo:

[...] Paulo Mendes Campos, em trabalho de 1953, depois de aludir ao caso excepcional de vocação literária que foi Graciliano Ramos, teve a oportunidade de referir-se às atividades desempenhadas pelo seu companheiro de trabalho na redação da imprensa carioca: “Emendava os erros de português e as tibiézas de estilo dos redatores. Ofício modesto, como todos os demais que ele ocupou, oficial de artesão das letras, praticado por um escritor que inventava belezas de expressão e recriava a realidade”. (SANT’ANA, 1992)

No mesmo ano do falecimento do Mestre Graça, Paulo Campos em poucas palavras descreveu seu amigo. Dizeres, nos quais podemos notar o reconhecimento do trabalho artesanal, e até ocupacional desenvolvido com humildade e honestidade. Com isso, notamos ainda no seguinte trecho: “um escritor que inventava belezas de expressão e recriava a realidade”, uma tentativa de resgate da política e do meio cultural da época em que viveu.

Pensando nisso, vejamos o que dizem Júnior e Medeiros, no tocante à produção do discurso romanesco:

Reconhecendo-se a própria perenidade do discurso socrático, bem como da conformação romanesca é possível reconhecer que a relação eu-outro constitui-se dos sentidos múltiplos de qualquer enunciado. Na crítica, embora não haja a ferramenta artística por polifonia, o pacto eu-outro se estabelece num eu e outros múltiplos, pois a crítica é uma constante resposta aos próprios escritos, aos escritos de outrem, aos mecanismos de criação formal e aos enformadores do mundo literário. (JUNIOR e MEDEIROS, 2015, p. 233-234)

Nesse sentido, podemos tomar como de estudo o período em que confere o Realismo (segunda metade do séc. XIX), ora a literatura busca refletir de modo pretensamente fiel, ora critica o contexto de produção literária dessa época, tendo como um dos principais enfoques do artista uma análise objetiva das ideias e das estruturas sociais presentes em seu mundo. Visto que a expectativa era a reprodução fiel, o que sabemos ser impossível, pois toda linguagem é já transformação ideologicamente orientada do que se pretende representar, como nos ensina Bakhtin, do que foi observado e analisado no mundo físico, espiritual e mental, se configura em seis características.

De acordo com José de Nicola (1998), “o objetivismo”, “o não-eu”, “o universalismo”, “o materialismo” e “o presente”, são qualidades que se apresentam no Realismo e que estão em *Angústia*. Essas qualidades, nas quais podem ser associadas aos textos estudados, e que firmam com a presença desse momento literário tão importante para os estudos. São elas: objetividade, mas também compromisso com a verdade; contemporaneidade; semelhança dos personagens

com o homem comum; condicionamento dos personagens ao meio físico e social; e ainda, a lei da causalidade.

Podemos ainda constatar que, de acordo com João Maia (2001), a “veracidade”, o “retrato fiel das personagens”, o “gosto pelos detalhes específicos”, e o “determinismo e relação entre causa e efeito”, tornam ainda mais veemente e ao mesmo tempo semelhante às características do Realismo. Ainda sim, apesar de não estar enquadrada na escola Realista, apresenta característica do seio social da primeira metade do século XIX, inclusive nas passagens, que, por conseguinte observamos uma tessitura sustentada pelo personagem.

Essas características pertencentes ao produto do mundo real se firmam com alguns trechos do livro passagens de W. Benjamin, e que se assemelham com a vida do personagem Luís da Silva:

Enquanto se oferecia aqui á elegante Paris um novo corredor de acesso, desaparecia uma das mais antigas passagens da cidade, Passage de l’Opéra, tragada pela abertura do Boulevard Hausmann. Tal como até pouco esta estranha galeria, ainda hoje algumas passagens preservam sob uma luz ofuscante e em recantos sombrios um passado que se tornou espaço. [...] (BENJAMIN, 1892-1940, p. 9001).

A passagem do personagem pelas ruas ornamentadas de Paris traz aos seus pensamentos vivências que são lembradas ao passo que se desloca pela cidade, são lembranças vivas de um passado não muito distante e que ficará guardado nas lembranças. Aliada a essa questão podemos contemplar não profundamente a *crítica polifônica*, que pode nos sugerir a presença das várias vozes sociais, posteriormente discutiremos com mais amplitude. Assim acontece com Luís da Silva, vejamos:

Rua do Comércio. Lá estão os grupos que me desgostam. Conto as pessoas conhecidas: quase sempre até os Martírios encontro umas vinte. Distraí-me, esqueço Maria, que algumas ruas apenas separam de mim. Afasto-me outra vez da realidade, mas agora não vejo os navios, a recordação da cidade grande desapareceu completamente. [...] (RAMOS, 2017, p.12)

Luís da Silva descreve um espaço localizado no Centro de Maceió-AL, e externa sua memória. Com isso, pode-se notar que todos os espaços descritos num cenário histórico contribuem para o não esquecimento da personagem, a sua construção de uma memória que se faz a partir da retomada do espaço urbano, habitado por ele, que é também formado pelas relações que nele se estabelecem e pelo modo como o narrador protagonista o descreve, ou seja, não há objetividade, mas sim construção orientada ideologicamente pela visão de Luís da Silva.

Por conseguinte, temos mais um detalhe, não menos importante, a ser discutido. Trata-se das reflexões do personagem enquanto o mesmo está se locomovendo de um ponto a outro da cidade, no que podemos imaginar sendo de um cômodo a outro de sua casa, de uma rua a outra, de um bairro a outro, e, até possivelmente de uma cidade a outra. Em *Angústia*: “Quando avisto essa cambada, encolho-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente. Fujo dos negociantes que soltam gargalhadas enormes, discutem políticas e putaria em *Angústia*”. (Ramos, 2017, p.9)

Como afirma Benjamin, em seu livro *Passagens*, o (loco)mover revela a passagem do tempo, a mudança de espaço e marca a ressignificação da vida:

O despertar como um processo gradual que se impõe na vida tanto do indivíduo quanto das gerações. O sonho é seu estágio primário. A experiência a juventude de uma geração tem muito em comum com a experiência do sonho. Sua configuração histórica é configuração onírica. Cada época tem um lado voltado para os sonhos, o lado infantil. Para o século passado, isto aparece claramente nas passagens. Porém, enquanto a educação de gerações anteriores interpretava esses sonhos segundo a tradição, no ensino religioso, a educação atual volta-se simplesmente à distração das crianças. (BENJAMIN, 1892-1940, p. 433).

Diante do que se afirma no trecho acima, pode-se ressaltar diante da (s) passagem (ns) o desenvolvimento da vida humana e dos próprios pensamentos destacados em diferentes tempos, mas também com valiosas histórias fazendo com que as gerações se entrelacem e se desenvolvam num constante (re)construir histórico.

Podemos aqui retomar Auerbach (2011, p.221), que afirma veementemente que “a representação da realidade na literatura, igualmente a vida comum, ordinária das pessoas.”. Apresenta-nos o realismo não como representação fiel da realidade do mundo, mas como forma de reflexão sobre nossa realidade (grifo nosso, aula da prof. Magalhães, 2019). Esse desempenho acaba permitindo os acontecimentos, e ao mesmo tempo em que promove o nosso desenvolvimento enquanto ser humano paciente e agente do saber.

Para Bakhtin (p. 403, 2014), “O romance deve ser para o mundo contemporâneo aquilo que a epopéia foi para o mundo antigo (esta ideia, com toda a clareza, foi exposta por Blankenburg, e mais tarde retomada por Hegel)”; e mais “pode-se perceber o passado de maneira familiar (como se fosse o nosso presente)” (BAKHTIN, p. 406, 2014), pois é dessa forma que o romance de Graciliano apresenta-se. Sendo assim, vejamos os seguintes trechos de *Angústias*:

O carro passa pelos fundos do tesouro. É ali que trabalho. Ocupação estúpida e quinhentos mil-réis de ordenado.

Rua do comércio. Lá estão os grupos que me desgostam. Conto as pessoas conhecidas: quase sempre até os Martírios encontro umas vinte. Distraí-me, esqueço Marina, que algumas ruas apenas separam de mim. Afasto-me outra vez da realidade, mas agora não vejo os navios, a recordação de cidade grande desapareceu completamente. O bonde roda para o oeste, dirige-se para o interior. Tenho a impressão de que ele me vai levar ao meu município sertanejo. E nem percebo os casebres miseráveis que trepam o morro, à direita, os palacetes que têm os pés na lama, junto ao mangue, à esquerda. Quanto mais me aproximo de bebedouro mais remorso. Marina, Julião Tavares, as apoquentações que tenho experimentado estes últimos tempos, nunca existiram.

A movimentação, mudança de espaço/cenário apresentados nas passagens acima mostram-se resistentes e frequentes no contexto romanesco. Com isso, “Ele é organizado de maneiras diferentes e limitado de vários modos no espaço e no tempo.” (BAKHTIN, p. 406, 2014). Outra questão que permeia o espaço é a descrição detalhada dos objetos presentes nos cenários, que funciona como reforço emblemático de elementos. Há também o fato de os verbos estarem no presente do indicativo, o que reforça e aproxima o leitor da realidade ficcional memorialista.

As personagens e o comércio são os dois componentes da rua (cenário), esse espaço é bastante descrito e tem por finalidade convidar o leitor a acompanhar o romance como estivesse participando da história, mas também como se fosse um personagem observador na narrativa, de modo a interagir de acordo com as reflexões apontadas por Luís da Silva.

Segundo Benjamin (p.904, 1961), em seu livro *Passagens*, “O desejo revolta-se em plena rua ao encontro do prazer, arrastando como volúpia à sua cama sombria tudo o que encontra no caminho, fetiche, talismã e fiança do destino, levado de roldão os resquícios de coisas em decomposição: certas, beijos e nomes [...]”. Assim, semelhantemente acontece com o personagem que se utiliza de toda a espacialidade e de seus sentimentos e dos sentimentos construídos a partir das vivências com os demais personagens.

No construto romanesco o sentimento desenvolve-se da seguinte maneira: “O amor avança com dedos tateantes da saudade pela rua sinuosa. No interior do romance, o amor prossegue seu caminho que se desvenda para ele na imagem da amada que paira no ar diante dele.” (PASSAGENS, p.904, 1961). Essas imagens lembram-nos o amor não correspondido de Luís por Marina, momento em que Luís reconhece a ausência do sentimento por parte de Marina, bem como o reconhecimento da falta de intelectualidade dela, em relação a sabedoria dele. Visto isso,

o personagem desvia seu discurso como forma de fuga de sentimentos/sofrimento e passa a retratar seu entorno. É com essa magnitude em que estrutura-se o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos.

### 3. A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE NO ROMANCE: BREVES REFLEXÕES

Como afirma Auerbach, alinhado ao pensamento de W. Benjamin, acerca da reprodutibilidade técnica:

[...] é um mestre na sua composição, neste sentido, também, não é somente um crítico e um destruidor, mas um continuador e um aperfeiçoador da grande tradição épico-retórica para qual a prosa é uma arte regrada. Tão logo se trata de grandes sentimentos e paixões, ou de acontecimentos sublimes, este estilo elevado aparece com todas as suas artes; [...] (AUERBACH, 2011, p. 305)

No tocante às técnicas de reprodução, podemos considerar que Graciliano é mestre na arte de aperfeiçoar a produção de obras literárias que revisitam a condição de vida humana a fim de enfatizar a reprodução da literatura. Nota-se bem o domínio estilístico revelado pelo autor/escritor ao retratar o meio social e os sentimentos gerados a partir das relações conflituosas.

Outro ponto comum no romance está na estrutura do texto, na qual possuem parágrafos que se intercalam com os diálogos formando assim a narrativa no seu modo tradicional. Essa estrutura pode ser comprovada no seguinte trecho:

“Nossas belas-artes foram instituídas, assim como os seus tipos e práticas foram fixados, num tempo bem diferente do nosso, por homens cujo poder de ação sobre as coisas era insignificante face aquele que possuímos. Mas o admirável incremento de nossos meios, a flexibilidade e a precisão que alcançam, as ideias e os hábitos que introduzem, asseguram-nos modificações próximas e muito profundas na velha indústria do belo. [...]” (BENJAMIN, 1961, p. 10).

Tais mudanças são sentidas a cada nova geração de agentes modificadores da literatura, porém permanece a origem textual mesmo havendo fortes influências. As técnicas de reprodução, como afirma W. Benjamin (1961, p. 11), surgiram e se desenvolveram no curso da história, passando por longos períodos de intervalos, contudo numa velocidades cada vez mais crescente. Com isso, podemos informar dados importantes se pararmos um instante para analisar o presente e o futuro próximo, observando que a tecnologia vem numa crescente irredutível.

Segundo W. Benjamin (1961, p. 13-14), a obra de arte está sempre refém sob a ótica física e química, ou seja, a reprodução palpável e de elementos químicos (papel, tinta e outros) que compõem o livro impresso. Desse modo quando é reproduzida carrega consigo vestígios por onde passou. Visto que se deve presar pela tradição, faz-se necessário antes da reprodução buscar a origem da obra para reproduzi-la. Quanto à autenticidade, temos como princípios meios de reconhecer com minúcias genuínas a originalidade da arte, bem como, a sua fundamentação na história e permeação na atemporalidade.

Saliento ainda, que as temáticas aqui analisadas possuem tendências discursivas compreendidas como *técnicas de reprodução*, ou seja, trata-se de uma abordagem de reprodução física da obra literária a partir de recursos materiais e de seus elementos formativo.

Vejamos o que diz Benjamin sobre arte:

A obra de arte, por princípio, foi sempre suscetível de reprodução. O que alguns homens fizeram podia ser feito por outros. Assistiu-se em todos os tempos, a discípulos copiarem obras de arte, a título de exercício, os mestres reproduzirem-na a fim de garantir a sua difusão e os falsários imitá-las com o fim de extrair proveito material. As técnicas de reprodução são, todavia, um fenômeno novo, de fato, que nasceu e se desenvolveu no curso da história, mediante saltos sucessivos, separados por longos intervalos, mas no ritmo cada vez mais rápido. (BENJAMIN, 1961, p. 10).

A técnica de reprodução empregada nos faz observar a relevância da obra de arte em uma escala temporal muitas vezes de um século a o outro como é o caso, talvez até possamos imaginar que as obras literárias como: *Dom Quixote* (1605), de Cervantes; e, *Crime e Castigo* (1866), de Dostoiévski, influenciaram Graciliano na construção de *Angústia*. Pois, facilmente podemos notar as recorrentes e semelhantes características no que diz respeito às ações realizadas pelos personagens, aos cenários, as tramas, os sentimentos, as reflexões, entre outros. Tais escritos – séculos XVII e XIX – precederam a obra literária aqui discutida, já que Graciliano teve a oportunidade de lê-las, ainda nas primeiras versões.

Neste momento, podemos voltar a nossa atenção para os elementos estruturais de confronto que remetem a *catarse* (cura), o sofrimento se dá por meio do enfrentamento do(s) problemas. Em *Angústia*, vemos as seguintes expressões de desafeição: “Vida de sururu. Estúpida.” (2017, p.10) e “vida de cachorro” (2017, p. 42). Mostra o enfrentamento de situações precárias na vida do personagem, nas quais ele ameniza suas lamentações de forma a se aproximar da linguagem figurada chamada hipérbole, que evoca e firma o exagero na lamentação. Sendo assim, o autor nos mostra diferentes maneiras de apreciar e avaliar o que está a nossa volta.

A memória – “s.f. Faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente. Efeito da faculdade de lembrar; lembrança...”, (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2010) – é a principal articuladora de toda a tessitura textual, pois por meio dessa faz-se as reflexões do individual a partir de suas vivências com o meio coletivo. Vejamos:

“é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória: a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática [...], mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira [...]”. (ACHARD, p.46, 2015)

Assim, faz-se a memória, um constante movimento de ideias e fatos que se realizam sob uma nova visão pontual de sobreposição de lembranças, ora contínua e de modo lento, ora alterando-se com passagens breves. Ambas, com diferentes temas e reflexões memorialísticas complexas. Desse modo, apresentam-se as discussões relevantes e primordiais deste trabalho.

Podemos ressaltar e associar aos dois últimos parágrafos acima a afloração de elementos formativos das personagens, de *Angústia*, que foram discutidos no artigo, *Poética da criação verbal: a crítica polifônica nos estudos da linguagem literária*. Tais como: a *polifonia* “[...] traduz-se na multiplicidade de cultura e da literatura, englobando a riqueza dos indivíduos, as vozes da vida social e as ideologias representadas. [...]”, trata-se de personagens inseridos em problemáticas e contextos recorrentes; *dialogismo* “[...] consciente e utópica no corpo coletivo e possível no corpo individual. [...]”, são poucos personagens protagonistas, que se reverbera em sua voz, a voz de seus frateros; e, a *alteridade* “[...] uma segunda voz, de si mesmo como o *outro* de outro [...]”, discurso reflexivo consciente do ser. (JÚNIOR; MAGALHÃES, 2015, P. 236, 240 e 241).

Em, “[...] destaca-se a capacidade de repensar o próprio fazer específicos: tem-se o nascimento da crítica polifônica, uma maiêutica autoconsciente de sua ancestralidade e sempre ávida pelas gerações e ideais vindouros”, (JÚNIOR; MAGALHÃES, 2015, p. 242-243). Esse diálogo entre as escritas e escritores resiste ao tempo e pelo que percebemos, até então chega a ser infinita, por causa de sua efetiva comunicação e primor intelectual.

Destacamos as palavras de Júnior e Magalhães no diz que respeito à crítica polifônica:

O movimento *interior* da crítica polifônica é justamente o inacabamento. Essa força volitivo-responsiva que, no centro nervoso do exercício de análise literário-discursiva,



conjuga pluralidade, variantes, diversidades e elos responsivos. O sistema polifônico de análise entende o sentido do discurso (o belo) como uma intensificação do ser e da *verdade*. Na sua força polifônica, funde-se com a própria orquestra, com as vozes, com o belo estético e com a força ética de deixar que o outro fale: assim, a cortina do espetáculo do mundo, chamada vida, nunca é fechada e canções amigas são entoadas e ouvidas ininterruptamente, pois ninguém disse ainda a última palavra. (JÚNIOR; MAGALHAES, 2015. P. 243)

Júnior e Magalhães finalizam seus estudos sobre *Poética da criação verbal: a crítica polifônica* nos estudos da linguagem literária fazendo uma ressalva para os interessados em crítica literária. Eis uma contínua ação, o desenvolvimento e a ampliação na escrita e reescrita de textos contemplando o discurso, a diversidade, as particularidades, o tempo. Tal como no infinito tecer a vida sem que se termine, tendo o mundo como cenário para a *Mimesis* permitindo aos personagens representarem suas vivências pela sociedade de forma inovadora.

## **COSIDERAÇÕES FINAIS**

A narrativa sobre o personagem Luís da Silva consta no livro *Angústia* publicado em 1936. Ano consideravelmente difícil para Graciliano, pois foi preso por ser acusado de comunista. Mas, ainda sim consegue publicar com ajuda da datilógrafa revisora de seus textos, chamada dona Geni Generosa Leite Neves, datilógrafa da diretoria da Instituição Pública de Alagoas e de sua esposa, Heloísa Leite de Medeiros. Essas informações nos forneceram pistas em que aguçaram a nossa curiosidade de estudá-lo, e apreender o quão dinâmica foi a vida de nosso ilustre escritor.

Em suma, as observações discutidas e comparadas anteriormente sobre os textos têm o objetivo de nos mostrar o quanto a literatura se revela parte de nós, do meio social em que vivemos. Nossas lutas diárias, nossos sonhos, nosso envolvimento com cada tema que está a nossa volta. Levam-nos a pensar acerca do despertar de um novo olhar para o interior. Com isso, é possível salientar algumas conclusões.

Ressaltamos que na análise da obra de Graciliano Ramos, foram encontrados vários recursos literários e expressões próximas da fundamentação teórica, que nos ajudam a pensar na arte e nas suas técnicas de reprodução. Embora, não estejam conforme a escola literária Realista tem marcas sociais da época em que foi escrita a obra literária, que nos conduziram a compreender as reflexões individuais e coletivas das personagens em suas passagens pelo(s) espaço(s) por onde se fizeram aparentes no enredo.

Graciliano escreve uma narrativa ficcional que dialoga com o meio social, que é cruel e faz do homem um sujeito refém de suas angústias. Numa postura de descrença no futuro próspero o escritor nivela a existência e sofrimento, mostra aspectos humanos inerentes aos de seu criador, que fez uso do poder da linguagem para contempla-las na literatura. A obra enriquece a literatura intertextual à medida que faz circular características apresentadas pela memória coletiva, na qual recria nos pensamento lembranças que permitem a fugacidade do real.

No romance *Angústia*, o autor desconstrói o discurso negativo, recria-o através da personificação virtuosa e abundante como um todo, propõe ao leitor pensar a partir do já existente sem deixar de lutar para conquistar os objetivos.

Luís da Silva faz uma crítica social, na qual há um comparativo entre pessoas e animais roedores, ou seja, os personagens humanos passam a praticar ações irracionais. Assim é possível notar que a degradação do ambiente contamina os pensamentos, a ponto de elevar a lucidez e a autocrítica ao ápice de leva-lo a loucura; também, se reconhece como insignificante quando se compara aos demais personagens.

O sentimento de revolta se expande, e Luís alivia seus pensamentos negativos o meio do uso de metáforas, a exemplo temos as descrições das imagens que se mostram sufocantes. Nesse sentido, ele faz uso da memória do passado para explicar o presente. Romance existencialista - marga uma culpa - a obra demonstra aceleração nas passagens que compreendem os últimos capítulos, reflete a visão fragmentada, distorcida da realidade, isolada dentro dos novos pensamentos. E, ainda fala sobre sonhos, esperança, momentos de devaneio como fuga para os como fuga para os conflitos pessoais.

Assim, segundo Ian Watt, em *Ascensão do Romance* (2010), podemos estabelecer uma relação entre o romance e o realismo, por sobreviver aos homens, perpetua o escritor num tempo eternizado pela literatura. Graciliano Ramos recria em Luís da Silva distanciado pelo tempo e espaço históricos, repensa, reinterpreta e reintegra a história, utiliza a linguagem como instrumento de representação das experiências.

## REFERÊNCIAS

RAMOS, G. **Angústia**. 76. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque e Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque e Holanda Ferreira; Coordenação Marina Bardi Ferreira. – 8. ed. Ver. Atual. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5ª Ed. vários tradutores. São Paulo. Perspectiva, 2011.

BENJAMIN, Walter. Traduzido do original alemão: “Das Kunstwerk im Zeitalter seiner Technischen Reproduzierbarkeit”, em *Illuminationen*, Frankfurt am Main, 1961, Suhrkamp Verlag,. 148-184. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. A presente tradução foi publicada na obra *A ideia do Cinema*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, pp. 55-95.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. 1892-1940. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: editora UFGM; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética. A teoria do romance**. 7ª. Ed. vários tradutores São Paulo, Editora Hucitec, 1988.

JÚNIOR, Augusto; MEDEIROS, Ana Clara. **Poética da criação verbal: a crítica polifônica nos estudos da linguagem literária**. Anu. Lit., Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 228-245, 2015. ISSN 2175 – 7917.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura Brasileira: de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1908**. Intr. De Heron de Alencar. 4ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

SANT’ANA, Moacir Medeiros de. **Graciliano Ramos: vida e obra**. Maceió, Secretaria de Comunicação Social – SECOM, 1992.

CANDIDO, Antonio, 1918 - **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

WATT, Ian. **A Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding** / Ian Watt; Tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ACHARD, Pierre. DAVALLON, Jean. DURAND, Jean-Louis. PÊCHEUX, Michel. ORLANDI, Eni P. **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes – 4ª edição Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

NASI, J.D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

MAIA, João Domingues. **Português**. Editora Ática. São Paulo-SP, 2001.

DE NICOLA, José. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. – São Paulo: Scipione, 1998.

<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>